

SOFIA E PEDAGOGIA: PRINCÍPIOS PARA UMA EDUCAÇÃO PAUTADA PELA FILOSOFIA PERENE

Françoá Costa³³

RESUMO

Partindo dos antigos gregos se deseja percorrer a tradição filosófica do Ocidente através de alguns autores mais destacados para descobrir a filosofia perene. Por filosofia perene entendemos uma maneira de pensar que perpassa os séculos por que encontra-se ancorada na verdade ou pelo menos na busca sincera por conhecê-la. Apresentaremos alguns aspectos válidos ainda hoje e que chegaram até nós através de determinados pensadores e, posteriormente, procuraremos tirar as consequências para uma educação que queira deixar-se guiar por essa filosofia. Como reza o título do presente estudo, trata-se de ir desde o amor à sabedoria (*filo-sofia*) à pedagogia que tenha como objetivo levar o educando à busca da verdade, da bondade e da beleza através do mais distintos saberes. Isto é, independentemente das disciplinas acadêmicas dos professores ou dos estudos que determinado aluno esteja a realizar, as ideias que aqui se desenvolvem querem ser um norte para todos, espécie de denominador comum em meio aos mais diversos numeradores.

PALAVRAS-CHAVES: filosofia perene, pedagogia, educação, beleza

1. A Tradição filosófica do Ocidente e a educação

Independentemente das injustiças perpetradas na América dos colonizadores do século XV e XVI, é importante reconhecer que junto com algumas ambições veio para os diversos países desse grande continente uma cultura que fora ensaiada durante séculos. Europa – especialmente Grécia e Roma – influenciou de maneira decisiva toda a cultura ocidental. Vejamos, de maneira sucinta, como isso aconteceu no campo da filosofia e tiraremos consequências para uma educação que deseje ser pautada por uma filosofia perene.

³³ Doutor em teologia pela Universidade de Navarra, o Pe. Françoá Costa é também professor da Faculdade Católica de Anápolis.

1.1. Rumo a uma “inteligência superior”

Desde a filosofia da antiga Grécia, o pensamento ocidental se fixou na natureza das coisas. A preocupação objetiva dos sábios da antiga filosofia continua sendo atual, ainda que às vezes inconsciente; no fundo, poderia ser reduzida a dois grandes temas: o mundo e o homem.

Também a nossa preocupação com as coisas continua sendo tão grande a tal ponto que frequentemente esquecemos as ciências humanas e o fato de que também existe uma ciência sobre Deus³⁴. Quando falamos “ciências”, a nossa mente vai, quase que automaticamente às ciências experimentais e às exatas, que seriam o arquétipo do que significa “ciência”. Também os antigos gregos se detiveram, em primeiro lugar, naquilo que mais rapidamente chamava a atenção dos sentidos externos: as coisas materiais. Mas como a filosofia quer saber sobre os primeiros princípios, os pensadores olhavam as coisas que nos circundam e perguntavam o porquê delas.

Pensando sobre elas, Tales de Mileto afirmou que a água era o princípio de todas as coisas; Anaximandro, uma substância indefinida (*apeiron*); Anaxímenes, o ar. Outros filósofos fixaram-se no dinamismo do universo: Heráclito de Éfeso afirmava que o mundo se acha em constante mutação e que o princípio de todas as coisas, mutante por excelência, era o fogo; Empédocles, no intuito de unir o que é uno e o que é múltiplo, afirmou que tudo está composto de água, fogo, ar e terra, inclusive a alma humana.

Anaxágoras deu um passo muito importante na explicação do dinamismo cosmológico, para ele existe uma Inteligência (*Nous*) que, na sua atividade ordenadora, é “simples, imaterial, independente, todo-poderosa, única e infinita, causa eficiente do movimento e da ordem cósmica”³⁵. Foi a primeira vez que a filosofia passou da ciência experimental e começou a apontar para uma realidade que depois será muito desenvolvida no pensamento ocidental: as coisas não se explicam totalmente por si

*

³⁴Não é plausível manter um conceito tão reduzido sobre a “ciência”. Em efeito, estas não se reduzem às ciências naturais. Ciência significa, pelo menos classicamente, um conhecimento por causas. Cabem, portanto, as ciências humanas e, até mesmo, uma ciência da fé, isto é, a teologia. De fato, como se sabe muito bem, as universidades surgiram à sombra das catedrais, dos mosteiros e dos palácios dos príncipes cristãos. Nelas, naquela *societas christiana*, o curso mais valorizado era exatamente a ciência que tem como objeto o conhecimento de Deus e de tudo o que a ele se refere. Para o homem medieval, uma ciência tanto mais elevada e digna é, quanto mais elevado e digno é o seu objeto; como a teologia tem como objeto o próprio Deus, ela seria, portanto, a ciência mais alta e a mais digna.

³⁵Leonel FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, Rio de Janeiro: Agir, 24ª edição, 1990, 42. No que diz respeito a essa parte histórica nos estamos baseando nesta obra do Pe. Leonel Franca.

mesmas; o mundo e o homem têm uma explicação numa Inteligência superior. Começa a “teologia natural”. Aristóteles valorizou tanto essa ideia de que existe uma “Inteligência superior” que deixou para a posteridade as seguintes palavras de elogio a Anaxágoras: “comparado aos que o precederam, aparece como um sóbrio falando entre ébrios que devaneiam”. A descoberta do ser primordial que explicaria o dinamismo cósmico foi de tal magnificência que autores como Tomás de Aquino julgariam todas as ciências a partir de critérios que mostram, de maneira gradativa, a sua maior ou menor aproximação a essa Inteligência superior.

1.2. Um conceito de “ciência”

Com efeito, para Tomás de Aquino, ciência também significa “o conhecimento pelas causas”, isto é, pelas razões internas. Neste sentido, conhecer cientificamente é não somente saber, mas explicar pela essência e pela natureza das coisas, passar dos fatos e dos fenômenos (ponto de partida obrigatório para o espírito humano) ao próprio ser e à razão de ser”³⁶.

Neste contexto, a primeira questão da Suma de Teologia é sobre a ciência sagrada. Depois de afirmar a variedade das ciências, diz que, em geral, existem dois tipos de ciências: as que “procedem de princípios que são conhecidos à luz natural do intelecto” e aquelas que “procedem de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior”. No primeiro caso, Santo Tomás enquadra a aritmética e a geometria como exemplos; no segundo caso, cita a perspectiva e a música. Finalmente, conclui dizendo que é da segunda maneira que a teologia é ciência porque “ela procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, a saber, da ciência de Deus e dos bem-aventurados. E como a música aceita os princípios que lhe são passados pelo aritmético, assim também a doutrina sagrada aceita os princípios revelados por Deus” (S.Th. I, 1, 2 c).

Alguns artigos depois, Tomás de Aquino dirá que a teologia é a mais excelente das ciências, por vários motivos (cf. S.Th, I, 1, 5c):

- enquanto as outras ciências recebem a sua certeza da luz natural da razão, que pode errar, a ciência sagrada recebe a sua certeza da luz da ciência divina, que não pode enganar-se;

³⁶Marie-Joseph NICOLAS, *Vocabulário da Suma Teológica*, em TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica, I*, São Paulo: Loyola, 3ª edição, 2009, 76.

- enquanto as outras ciências consideram apenas o que está sujeito à razão, a ciência sagrada dá um salto e considera aquelas realidades que ultrapassam a razão;

- além disso, entre as ciências práticas, a mais excelente é aquela que se encontra ordenada a um fim mais alto. Como a ciência sagrada está ordenada, como prática, à bem-aventurança eterna e como não há fim mais excelente que esse, é evidente, segundo Tomás de Aquino, que a teologia é a ciência mais excelente.

O Aquinate, para estabelecer a excelência de uma ciência, analisa três coisas: 1) o grau de certeza a que pode chegar, 2) a sua relação com a razão humana e 3) a finalidade à qual uma determinada ciência se propõe. Desta maneira, podemos afirmar que *verdade, razão e finalidade* são os três critérios que julgam uma ciência na clássica visão do Doutor Angélico. Uma educação que se desenvolve segundo os princípios de uma filosofia perene não pode esquecer esses critérios:

- a *busca da verdade* no seu campo próprio de pesquisa e na sua transmissão;

- a *racionalidade*, que pode ser considerada em dois aspectos: 1) a seriedade com a qual se faz determinada ciência segundo o seu objeto próprio e suas exigências metodológicas e 2) a conexão com o próprio ser humano, que é o sujeito da racionalidade científica. Com outras palavras, a ciência provinda da capacidade intelectual do ser humano não pode servir para destruir aquilo que o homem é: a ciência feita pela pessoa humana deve servi-la;

- além de satisfazer o desejo do ser humano de conhecer, as ciências não podem ser retamente desenvolvidas pelos seus cultores se esses esquecem a *finalidade* de serviço que cada ciência tem em relação às outras. Isto é, não somos ilhas científicas no meio de um oceano de saberes, somos uma comunidade científica na qual o conhecimento de uma ciência serve também para ajudar a progredir no conhecimento de outras. A nossa visão deveria ser a da “universidade”: encontramos-nos num universo de saberes, há uma conexão de uma ciência com a outra e de todas as ciências entre si.

Verifica-se nos tempos hodiernos uma preocupação cada vez maior por estudar determinado curso universitário com os olhos voltados para outros através do que podemos chamar “disciplinas auxiliares”. Aumenta a importância da “interdisciplinaridade”.

1.3. A filosofia do ser a serviço da educação

Vamos agora à Magna Grécia, e entre os seus pensadores mais destacados encontra-se Pitágoras. Reconhecendo claramente a divindade e colocando o fundamento de todas as coisas na unidade suprema, Pitágoras e seus discípulos defendiam que o número é o principal fundamento de todas as coisas. Talvez o primeiro grande teólogo que se encontrou entre os filósofos foi Xenófanes, cujo ponto de partida foi a unidade de Deus contra o politeísmo vulgar da época; também recriminou as imoralidades de seu tempo e aconselhou o amor à sabedoria e à sobriedade.

Parmênides, também da chamada escola eleática, deu um salto de qualidade até chegar ao ser. Disse que das duas ordens, a sensitiva e a intelectual, é a segunda que percebe o ente como tal. Não é difícil ver como até o momento presente a ideia de Inteligência suprema nos veio da filosofia e que, portanto, a mesma filosofia desde a sua origem se encontra aberta a Deus. O primeiro filósofo que podemos qualificar como representante formal do ateísmo é Demócrito, para quem a origem do mundo se explica por um processo puramente mecânico e os deuses são pura fantasia popular já que, segundo ele, “Deus verdadeiro e natureza imortal não existe”.

Entre a preocupação pelo fundamento de todas as coisas e as diversas respostas a essa pergunta, entre o vislumbre de uma Inteligência suprema e sua negação, entre o desenvolver-se da ciência e a negação dos deuses, a filosofia grega alcança o seu apogeu com os grandes homens que serão sempre uma referência para qualquer pensamento que busque algo de perenidade: Sócrates, Platão e Aristóteles. Trata-se de um período no qual se reivindicam os direitos da razão e cuja característica principal é a preocupação pela metafísica.

Sócrates (469-399 a.C.) cifra o conhecimento do sábio no conhecimento de si mesmo, aceita e defende a existência de Deus e, finalmente, fixa a importância do bem pensar para o bem viver. Sócrates, em vez de concentrar-se na natureza, desejou conhecer a resposta a essa pergunta: qual é a essência do homem? E respondeu que “*o homem é a sua alma*, enquanto é precisamente a sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. E por “alma” Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante. Em poucas palavras: para Sócrates a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e

moral”³⁷. Se até o momento tínhamos observado que existia uma preocupação pela natureza, pelo mundo, e que através dessas interrogações muitos filósofos chegaram ao ser primordial vemos, agora, um filósofo que começa um caminho que conduz ao ser a partir do homem e de sua interioridade.

Platão (427-347 a.C.), o fundador da Academia, recebendo do seu mestre a conclusão de que o objeto da ciência é o inteligível (o conceito) procurou determinar a relação entre o conceito e a realidade: “ao conhecimento certo deve corresponder a realidade”³⁸. Essa realidade ou as diversas realidades das mais diversas coisas (conceitos deste mundo), segundo Platão, existe um mundo separado no mundo das ideias. Trata-se, portanto, de um “realismo exagerado”: o ideal não é meramente ideal, segundo a nossa maneira de entender, o ideal é real: a realidade que funda os nossos conceitos, o nosso mundo fenomenal.

Talvez seja devido a um exagero da doutrina de Sócrates que Platão defendia que “enquanto temos um corpo estamos “mortos” porque somos fundamentalmente nossa alma; e a alma, enquanto se encontra em um corpo, acha-se como em uma tumba; e, com isso, encontra-se em situação de morte. Nosso morrer (com o corpo) é viver, porque, morrendo o corpo, a alma se liberta do cárcere”³⁹. Ainda que essa visão antropológica, dualista e negativa estivesse destinada a influenciar tantos pensadores e grupos pessimistas, é verdade que a ética de Platão mais do que baseada nesse dualismo se deixa condicionar mais pela “segunda navegação”, isto é, a metafísica⁴⁰.

Aristóteles (384-322 a.C.) escutou Platão por vinte anos. Ao Estagirita, grande gênio e fundador do Liceu, o método científico continua devedor. Preocupado com o valor objetivo dos conceitos, afastou-se das soluções de Platão graças à observação fiel da natureza, ao rigor no método que lhe dá uma admirável precisão linguística e à unidade de conjunto do seu pensamento e da sua obra.

A maneira de Aristóteles estudar um determinado assunto é rigorosa e, feitas as devidas mudanças, permanece substancialmente a mesma que nós utilizamos atualmente. Vamos aos passos:

- definição do objeto: o que se quer estudar e o que é isso que se analisará;

³⁷ Cf. G. REALE – D. ANTISERI, *História da filosofia, 1, filosofia antiga e pagã*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 3ª ed., 2007, 95.

³⁸ Leonel FRANCA, *op.cit.*, 55.

³⁹ Cf. G. REALE – D. ANTISERI, *op.cit.*, 152.

⁴⁰ Cf. *IB.*

- soluções históricas que se deram a determinado assunto;
- dúvidas em torno ao objeto de estudo;
- solução (a dele, de Aristóteles);
- refutação das opiniões contrárias.

Não é difícil ver nessa maneira de estudar a estrutura de qualquer artigo da Suma de Teologia de Tomás de Aquino. Tomemos como exemplo a S.Th. I, 2, 3:

- enunciação do objeto de estudo: será que Deus existe?
- Dúvidas em torno ao objeto de estudo: parece que Deus não existe...
- Argumento de autoridade: antes de dar a sua resposta Tomás de Aquino mostra uma solução histórica à questão com a qual ele está de acordo;
- solução (a dele, de Tomás de Aquino);
- refutação das opiniões contrárias: aquelas que foram apresentadas nas dúvidas em torno ao objeto de estudo.

De uma maneira ou outra, a nossa maneira de pensar, de escrever e de dar aulas está pautada por esse modelo aristotélico, refinada por Tomás de Aquino e modernizada pelas técnicas pedagógicas hodiernas. É muito importante que o professor saiba bem aquilo que quer transmitir: qual é o objeto de estudo? Em cada assunto, o professor não deve ir apresentando a sua opinião de maneira direta e autoritária, antes será importante mostrar as diversas posturas sobre a matéria em questão, as discussões e as opiniões mais plausíveis. Finalmente, solucionará o problema, mostrará a verdade do que está expondo e procurará refutar aquilo que ele julga erro ou posições descabidas ao seu sistema que, logicamente, ele julga como a melhor solução à questão proposta. Caso não tenha uma posição clara sobre determinado assunto, a lealdade para com os seus alunos deve levá-lo a apresentar as coisas com o maior rigor científico possível deixando o caminho aberto para que os alunos continuem na busca da verdade. Um professor que deseja educar segundo os princípios de uma filosofia perene não pode renunciar à busca da verdade; ele sabe que a sua missão é também envolver os alunos nessa sua paixão pela verdade nem tanto impondo, mas propondo.

Creio importante que uma Faculdade comece com um curso de Filosofia: assim como foi através da filosofia que a ciência moderna foi chegando ao que é hoje, de maneira semelhante um Instituto de Ensino Superior deveria começar procurando pelo seu porquê, pela sua própria existência e pela sua missão para chegar a ser o que deve ser no futuro. A própria história mostra que a filosofia continua a estar na base da

ciência moderna. Jolivet, ao fazer um juízo sobre , escreve: “a influência intelectual por ele até a hoje exercida sobre o pensamento humano e à qual se não pode comparar a de nenhum outro pensador dá-nos, porém, uma ideia da envergadura de seu gênio excepcional. Criador da lógica, autor do primeiro tratado de psicologia científica, primeiro escritor da história da filosofia, patriarca das ciências naturais, metafísico, moralista”⁴¹. Sem dúvida, diriam os críticos, o seu sistema apresenta falhas e, contudo, não se pode deixar de admirar a mente brilhante desse filósofo que continuará sendo referência.

A esse tipo de pensamento chamamos “clássico”, “perene”. Isto é, um pensamento e uma maneira de desenvolver a ciência que, sendo próprios de um autor ou de uma época, continuam vivos nos mais diversos autores e sistemas que lhe sucedem. Isto é, a ciência posterior vai se desenvolvendo através daquele caminho marcado pelo autor e pela obra que nós chamamos “perenes”. Uma Instituição que deseja educar segundo os princípios de uma Filosofia Perene não fica logicamente somente no método e na citação de autores clássicos, quer mais: procura entender e aproveitar aquelas ideias que continuam sendo válidas e transmite-as aos seus discípulos, vendo ao mesmo tempo que se tratam de verdades capazes de delinear retamente o caminho do saber que se conjuga com a vida do aluno.

Já é lugar comum afirmar que “educação” vem de “*e-ducere*”: conduzir, levar para fora o que de melhor há na pessoa. Aparece certo personalismo nessa maneira de conceber a educação. Além do mais, para tirar o que há de melhor em cada ser humano são imprescindíveis as relações com o mundo que lhe circunda: descobrir o valor do outro, suas percepções e entrar em diálogo com ele para aprender e ensinar. Uma das coisas que mais impressionam um aluno é o domínio da matéria que o professor tem, contudo não lhe impressionam menos a sua capacidade de interagir diversos saberes conectando-os com o seu específico. Mais ainda admirável será se a capacidade de transmissão do professor atingir realmente o aluno de maneira profunda. Defendo que o professor não pode temer ser admirado. Assim como a causa primeira da filosofia é a admiração, a causa imediata do interesse pelo saber pode ser um professor sábio que causa no aluno admiração. Logicamente, nem tudo o que é admirado é seguido; contudo, permanecerá no aluno, ainda que de modo implícito, essa inquietação por conhecer a verdade e por viver de acordo com aquilo que sabe.

⁴¹Leonel FRANCA, *op.cit.*, 65.

Já na era cristã e antecedido por grandes pensadores como Orígenes, cabe destacar o papel de Santo Agostinho (354-430 d.C.) na formação do pensamento ocidental. Sendo Deus e a alma o centro de seus estudos, pode-se afirmar que Agostinho foi principalmente teólogo, psicólogo e filósofo: “*Deum et animam scire cupio. Nihilne plus? Nihilominus*” (Soliloq., I, c. 2)⁴². Agostinho era um homem inquieto que “reduziu” todo o seu desejo de conhecimento a duas realidades, Deus e o homem, pois estava convencido que através dessas duas grandes realidades chegaria às outras. Assim como Platão pensava nas ideias e nas imagens, Santo Agostinho pensava nas ideias na mente de Deus e no homem feito à imagem de Deus. O Bispo de Hipona seguiu Platão, mas corrigindo-o quando julgava necessário.

1.4. Tomás de Aquino: em busca da filosofia perene

Agostinho seguiu Platão, Tomás de Aquino (1225-1274) seguirá Aristóteles e Agostinho. Precedido por Santo Anselmo e Santo Alberto, sem dúvida alguma, São Tomás foi a mente mais brilhante da Idade Média e, certamente, também foi uma das cabeças mais privilegiadas de toda a história. Viveu apenas 49 anos, mas a sua dedicação ao estudo foi tamanha que deixou para a posteridade uma obra verdadeiramente hercúlea.

Para Tomás de Aquino o conhecimento que se adquire somente com o esforço da razão humana e o conhecimento que se adquire pela revelação de Deus são, evidentemente, ciências diferentes, mas entre elas não há contradição: a inteligência humana, ao investigar as coisas com rigor científico, chegará a conhecimentos verdadeiros. Chesterton (2002, p.154-5) expressou resumida e magistralmente a fidelidade de Tomás de Aquino ao ser e o processo pelo qual chega à verdade.

Segundo Santo Tomás, o espírito atua livremente, por si, mas sua liberdade consiste exatamente em achar caminho para a liberdade e para luz do dia, para a realidade e para a terra da vida. No subjetivista, a pressão do mundo empurra a imaginação para dentro. No tomista, a energia do espírito impele a imaginação para fora, porque as imagens que procura são coisas reais. Toda a sua sedução e magia, por assim dizer, consiste em serem coisas reais, coisas que *não* se encontram com olhar para o interior do espírito. A flor é uma visão porque não é só visão. Ou, se quiserem, é visão porque não é sonho. Nisto reside para o poeta a estranheza das pedras, das árvores, dos objetos sólidos: são estranhos por serem sólidos. Estou falando primeiramente à maneira poética, e, em verdade, é preciso ter muito mais sutileza

⁴² Cf. *ID.*, 85.

técnica para falar à maneira filosófica. Segundo Tomás de Aquino, o objeto torna-se parte da inteligência; mais que isso, segundo ele, a inteligência torna-se então objeto. Todavia, como um comentador acentua com agudeza, ela só se torna objeto, mas não o cria. Em outras palavras, o objeto é objeto; pode existir e existe de fato fora da inteligência ou na ausência dela. E por isso amplia a inteligência, de que se torna parte. A inteligência conquista uma nova província como um imperador, mas tão só por ter obedecido a um sinal como servo. A inteligência abriu as portas e as janelas, porque a atividade natural do que está dentro de casa é descobrir o que está fora dela. Se por um lado a inteligência em si mesma é suficiente, por outro lado não se basta a si mesma⁴³.

Outra afirmação básica na filosofia do Aquinate é que a verdade nunca colide com a Verdade. Isto é, o conhecimento das ciências humanas, experimentais e exatas, se é verdadeiro, nunca irá contra o conhecimento da fé. Desta maneira, Tomás de Aquino mostra uma relação de distinção, não de hostilidade entre as diversas ciências. Essa clara visão deve continuar sendo cultivada: na nossa filosofia perene, damos prioridade à verdade, não às nossas concepções subjetivas. Por outro lado, não há desprezo das concepções do indivíduo, pois a verdade sempre se encontra na mente do sujeito e, mais exatamente, na adequação que existe entre a coisa e o que o indivíduo conhece. Como diria Tomás de Aquino: “a verdade, venha de onde vier, sempre vem do Espírito Santo”. No fundo o nosso autor quer dizer que Deus é o autor da verdade, ela está em sua mente e, ao criar o ser humano, fê-lo participante do seu próprio conhecimento. No caso da pessoa humana, esse conhecimento é progressivo e vai se aperfeiçoando durante toda a vida.

Assim como Tomás de Aquino não concebe uma teologia fideísta, isto é, uma teologia que não seja uma fé que procure entender, de maneira semelhante não concebe uma ciência verdadeira fechada à fé, ao Criador de todas as coisas que a ciência investiga. Para o Doutor Angélico, o intelectual, cultivando com honestidade e sinceridade a sua ciência, seja ela qual for, tem diante de si um caminho aberto ao conhecimento de Deus. Poderíamos acrescentar: caso já seja um crente, o intelectual deverá colocar a sua ciência aos pés do seu Criador, servindo a Deus através da sua atividade intelectual, sabendo que a sua atividade acadêmica é também lugar de apostolado, de evangelização. Ao cultivador da ciência alenta a afirmação de que, segundo Tomás de Aquino, a existência de Deus se pode demonstrar racionalmente; ele mesmo o fez através das suas famosas cinco vias: a do movimento, a que parte da razão

⁴³ G. K. CHESTERTON, *Santo Tomás de Aquino*. Tradução e notas de Carlos AncêdeNougué. Nova Friburgo: Co-Redentora, 2002, 154-155.

de causa eficiente, a que é tomada do possível e do necessário, a que se toma dos graus que se encontram nas coisas e que se toma do governo das coisas (cf. S. Th. I,2,3c).

A antropologia de Tomás de Aquino é muito realista: o ser humano é uma pessoa, isto é, um indivíduo formado de corpo e alma, cuja natureza é racional. A alma espiritual possui duas faculdades, que fazem com que o homem e a mulher sejam seres superiores em relação à criação material, à inteligência e à vontade. Absolutamente falando, a inteligência é a operação mais perfeita. Inteligência e vontade nos levam a afirmar que o ser humano é livre, mas o é tão somente na escolha dos bens finitos. Quanto ao desejo de felicidade que há no ser humano, não se trata de um ato livre: todo homem deseja necessariamente ser feliz.

Como a nossa perspectiva ao percorrer a tradição filosófica do Ocidente era quase tão somente o homem e o mundo, resta dizer que a cosmologia tomasiana está dominada por duas teses: “a finalidade interna de todos os seres e a composição dos corpos de matéria e de uma forma substancial. A teoria da pluralidade das formas, comum a todos os predecessores, é energicamente combatida. Em física geral, segue as teorias correntes dos quatro elementos dos lugares naturais, da incorruptibilidade dos astros e outras que uma observação mais exata da natureza condenou mais tarde por errôneas”⁴⁴.

O interessante de tudo isso para o nosso propósito é observar que estamos diante de um autor que trata de física, de metafísica, de filosofia e de teologia. Estamos, portanto, diante de um cientista com uma mente verdadeiramente aberta, universal, um verdadeiro professor de universidade, na mente do qual as diversas ciências encontram lugar. É verdade que quando arriscamos no campo de outras ciências, provavelmente vamos errar, como aconteceu com Tomás de Aquino ao escrever sobre Física e, no entanto, é admirável o seu desejo de conhecer sobre tudo. Diria eu que se trata da cultura geral que o professor deve procurar para enriquecer o seu magistério.

1.5. A importância da subjetividade na educação

Deixando de lado as questões que envolvem a filosofia de Duns Scoto (1266-1308), mas em dependência do voluntarismo scotista, cabe afirmar que Guilherme de Ockham (1295-1349) tinha desconfiança da razão humana: a sua famosa teoria

⁴⁴Leonel FRANCA, *op.cit.*, 112.

denominada “nominalismo” defende que nós só podemos conhecer o que os sentidos nos mostram; qualquer explicação que se dê à realidade sensível carece de sentido, não manifesta a realidade das coisas, são meros pensamentos subjetivos a respeito dos quais não temos certeza. Quanto às palavras que nós utilizamos para nomear as coisas, não sabemos se elas correspondem às realidades que conhecemos. Dito com outras palavras: nós não podemos conhecer a verdade. Mas, então como agir? Diria Ockham que nós atuaremos bem se fizermos a vontade de Deus, que se manifesta na lei; e a lei tem força para obrigar-nos.

Como se pode observar a teoria de Ockham rompe com a grande tradição filosófica, pois estamos diante de uma desconfiança da razão, da afirmação dos direitos de uma vontade absoluta e de uma lei que pode ser arbitrária. Foi exatamente essa a tradição filosófica que passou para a tradição protestante. Lutero, por exemplo, dizia que Ockham foi “o primeiro e o mais genial dos doutores escolásticos”. Por outro lado não estranha que Lutero apoie as teorias de Ockham já que para o Reformador Protestante o homem, depois do pecado original, encontra-se totalmente corrompido e a sua razão é escrava do diabo; conseqüentemente, também a sua liberdade é escrava.

René Descartes (1596-1650), o pai da filosofia moderna, colocou metodicamente tudo em dúvida. Ao duvidar, sabe que pensa e ao pensar sabe que existe: *cogito ergo sum*. Passamos, portanto, do ceticismo de Ockham ao subjetivismo cartesiano: o sujeito se descobre como existente a partir do próprio pensamento capaz de duvidar de tudo. O sujeito passa a ser, portanto, a medida de todas as coisas. Tanto é assim que serão verdadeiras as coisas que nós concebemos de maneira clara e distinta (*Les choses que nous concevons très clairement et fort distinctement sont toutes vraies*). Inclusive a existência de Deus será provada por Descartes através da ideia mental: ao conceber-me um ser imperfeito concebo também que existe um ser infinitamente perfeito, que é Deus. Mas, será que o mundo existe? Existe como matéria e movimento e foi criado por Deus.

A partir de Lutero e de Descartes se pode compreender também o papel da Alemanha e da França na influência exercida no pensamento cultural até o século XX, inclusive. Se Lutero foi o reformador no campo religioso, Descartes foi o reformador da filosofia. A partir de Descartes a filosofia passará a olhar cada vez mais para as percepções do sujeito. A união entre objeto e percepção será um dos grandes problemas da filosofia moderna e contemporânea. Com certeza, a dúvida em relação à verdade parte desses pensadores. Por outro lado, a influência do protestantismo com a sua ênfase

nos problemas do indivíduo e na sua salvação se estendeu rapidamente pelo mundo então conhecido.

A vocação do parisiense Nicolas Malebranche (1638-1715) decidiu-se a partir da leitura de Descartes, o mesmo se diga de Baruch Spinoza (1632-1677). Enquanto as ideias de Malebranche conduzem ao panteísmo, Spinoza declara abertamente essa doutrina: “Deus é a causa imanente de quanto existe. Sua evolução eterna obedece à lei férrea de uma inflexível necessidade, inerente à própria natureza”⁴⁵.

O alemão Leibniz (1646-1716) também foi discípulo de Descartes e conheceu Malebranche e Spinoza. Contudo, Leibniz foi um discípulo bastante original. Às substâncias inertes de Descartes, Leibniz dá dinamismo, atividade, porém apenas imanente. Interessado pelas questões relativas a Deus, nosso autor alemão cria a palavra “teodicéia” (justificação de Deus) na tentativa de demonstrar a existência de Deus. Pode-se dizer que Leibniz deseja pertencer à tradição de uma filosofia perene. Grande admirador de São Tomás de Aquino, porém discípulo de Descartes, Leibniz se afasta do realismo tomasiano. Enquanto Kant não chegasse, Leibniz dominaria o pensamento alemão.

Immanuel Kant (1724-1804) no seu chamado “período dogmático” seguiu as ideias de Leibniz, mas tem como autores preferidos Locke e Rousseau. Porém, após a leitura de Hume, Kant entrou em seu “período crítico”. Segundo Kant nós compreendemos o mundo através de um filtro, comparemo-lo a uma espécie de óculos e suponhamos que seja cor-de-rosa: dessa maneira “não temos acesso direto ao modo como é o mundo. E também jamais podemos tirar os óculos e ver as coisas como realmente são. Esse filtro está preso em nós, e sem ele seríamos totalmente incapazes de experimentar qualquer coisa. Tudo o que podemos fazer é reconhecer a existência dele e entender como ele afeta e colore o que experimentamos”⁴⁶. Kant, em lugar de ficar observando o conhecimento que temos a partir da realidade (processo esse que os clássicos chamariam de “abstração”), se pergunta se a nossa mente influencia naquelas coisas que nós conhecemos. Esse filtro, o espaço e o tempo, modificaria, em certo sentido, a realidade conhecida. Desta maneira, “não conhecemos os seres como eles são em si, mas somente vestidos do elemento subjetivo, através das formas do espírito”⁴⁷. Essas formas são o espaço e o tempo. Os objetos externos a nós são localizados pela

⁴⁵*Id.*, 158.

⁴⁶ Nigel WARBURTON, *Uma breve história da filosofia*. Tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre: L&PM, 2ª ed., 2012, 109.

⁴⁷ Leonel FRANCA, *op.cit.*, 179.

forma “espaço”; a percepção dos fatos conscientes como sucessivos acontece através da forma “tempo”. Finalmente, a forma “tempo”, através das nossas percepções, pode ser aplicada aos objetos externos. Espaço e tempo “sendo necessárias não podem provir da experiência. São moldes subjetivos dentro dos quais enquadrados os fenômenos, sem podermos afirmar se realmente, fora de nós, os objetos existem no tempo e no espaço”⁴⁸.

Quanto à moral é conhecido como Kant a concebe: quem manda é a voz do dever que se impõe à consciência, não as emoções em geral: “aqueles que fazem a coisa certa não o fazem só por causa do modo como se sentem: a decisão precisa ser baseada na razão, pois é ela que diz qual é o nosso dever, independentemente de como porventura nos sentimos”⁴⁹. Em primeiro lugar, portanto, a razão prática olha rumo à obrigação da lei moral: cada pessoa deve fazer aquelas coisas que podem vir a ser leis universais. Para Kant, “a existência certa e absoluta do dever pressupõe tudo o que é necessário para a sua possibilidade. Sobre esta certeza inabalável podem-se, portanto, reconstruir as verdades da existência de Deus, da liberdade e da imortalidade da alma, não como certezas científicas, mas a título de postulados da razão prática”⁵⁰.

Como acabamos de ver, continua a desconfiança na razão, contudo apoiada na própria razão. Para que exista uma ciência, é necessário, segundo Kant, que exista uma relação direta da razão pura com os objetos, isto é, as formas do entendimento devem aplicar-se sobre os objetos. O mundo, a alma e Deus são realidades que fogem a esse tipo de critério. Logo, a cosmologia, a psicologia e a teologia não podem ser ciências. O que essas “falsas” ciências fazem numa universidade? – poderíamos perguntar-nos. E, no entanto, somos conscientes que cada ciência tem o seu objeto próprio e sua metodologia própria. Um dos erros de Kant é justamente esse: não considerar cada ciência em sua peculiaridade e, portanto, promover uma razão fechada. Chamo a atenção, ao contrário, para aquilo que foi justamente chamada “racionalidade aberta”: a minha razão deve encontrar-se aberta ao saber, às ciências. A nossa educação na busca da verdade deve orientar os alunos a abrirem os seus próprios horizontes intelectuais.

Hegel (1770-1831) devolve, ainda que de maneira confusa, o valor às diversas ciências, mas numa espécie de panteísmo na qual Deus não é Deus. Com o seu princípio de que “só o racional é real”, sua filosofia estuda a ideia em suas diversas

⁴⁸ *ID.*, 180.

⁴⁹ Nigel WARBURTON, *op.cit.*, 114.

⁵⁰ Leonel FRANCA, *op.cit.*, 182.

perspectivas: a ideia “em si” é objeto da lógica ou metafísica; a ideia “fora de si”, isto é, fora da indeterminação primordial e no seu processo evolutivo, é estudada pela mecânica, pela física e pela orgânica; quando a ideia toma consciência de si mesma (“por si”) é estudada pela psicologia, pela moral e pelo direito, pela arte, pela religião e pela filosofia. O panlogismo hegeliano e sua dialética da história exerceu influência em muitos pensadores, um dos quais, Karl Marx.

É conhecida a afirmação de Marx (1818-1883): os filósofos anteriores a ele tinham pensado o mundo, agora era o momento de mudá-lo. “As ideias de Marx sobre a história foram influenciadas por Hegel (...). Hegel (...) declarou que há uma estrutura subjacente a todas as coisas e que estamos gradualmente progredindo para um mundo que, de alguma maneira, será consciente de si mesmo. Marx herdou de Hegel o sentido de que o progresso é inevitável e de que a história, em vez de ser apenas um evento atrás do outro, tem um padrão. Entretanto, na visão de Marx, o progresso acontece por causa das forças econômicas subjacentes. (...) No novo mundo depois da revolução, os seres humanos atingiriam sua humanidade. O trabalho seria significativo, e todos cooperariam de modo a beneficiar a todos. A revolução era a forma de atingir isso – e isso significava violência, pois seria improvável que os ricos abrissem mão de suas riquezas sem lutar”⁵¹. Até hoje a dialética da história marxista continua exercendo fascínio nas universidades brasileiras, não assim nas europeias, nas quais Marx já não passa de mera utopia. Evidenciam-no o fracasso da União Soviética, a queda do muro de Berlim e a triste situação de desigualdade na China “comunista”.

A paixão dominante da filosofia foi realmente conhecer o mundo e o homem desde diversas perspectivas e sempre desde uma dimensão mais profunda, desde o ponto de vista dos últimos “porquês”, que não é objeto das ciências experimentais nem das exatas. Continua, portanto, a ser importante na educação a presença de uma filosofia perene que ajude os alunos nesse perguntar pelas causas mais profundas das coisas que nos circundam, máxime de nós mesmos e do nosso cosmos.

Por outro lado, filosofia moderno-contemporânea sensibilizou-nos para que conhecêssemos não somente o mundo e o homem enquanto objetos, mas que entrássemos nas categorias mais profundas da existência humana. Uma sã educação saberá aproveitar o que de melhor há nesses vislumbres filosóficos. A filosofia do ser, de fato, não se fechou ao ser enquanto pensado: como conhecemos? Esse é o objeto da

⁵¹ Nigel WARBURTON, *op.cit.*, 159-160.

gnoseologia, uma parte da metafísica. E, no entanto, damos mais um passo rumo a uma visão mais integradora quando aproveitamos elementos de uma filosofia moderna – aqueles destinados a serem “perenes” – que nos convidam a adentrarmos no mundo das pessoas e das suas atividades. Poderíamos citar ainda a importância da fenomenologia e do personalismo que, ainda que diferentes, mantêm boa aproximação à filosofia do ser e, se bem trabalhadas, poderiam entrar a fazer parte daquilo que chamamos filosofia perene. Mas esse trabalho fica na mão dos filósofos.

2. Os transcendentais do ser e o caminho da beleza

Educamos os nossos alunos num contexto determinado, isto é, num mundo determinado, mas com elementos muito díspares. Parece-me, portanto, oportuno perguntar pelo que há de comum entre aquelas coisas que existem nesse mundo e que vão formando a personalidade do educando? Ao tomar conhecimentos dos numeradores diversíssimos, tentaremos encontrar o denominador comum. Isto é, queremos ver o que, em analogia com a filosofia, pode ser comum à hora de ensinar as mais diversas disciplinas.

A filosofia perene também aposta nos assim chamados “transcendentais do ser”⁵². As coisas que são, são; isto é, existem. Elas possuem uma entidade com determinadas propriedades que explicam o próprio ser das coisas. Essas propriedades que nada acrescentam à noção de ente ou de ser são quais denominadores comuns dos diversos seres. Vale a pena conhecê-los melhor para depois aplicá-los à educação hodierna.

A árvore, o carro, o cavalo, o homem, são entes. Tudo o que existe é um ente, um ser. Ente, portanto, seria a noção que se aplica a tudo aquilo que é. Ora, tudo o que é pode ser analisado em diversas perspectivas; é justamente dessa maneira como deduzimos as propriedades transcendentais do ente.

2.1. Caminho da beleza: via de educação

Qualquer ente considerado em si mesmo, sem colocá-lo em relação com outro, aparece como uma *unidade*, como uma realidade una. Se colocarmos o ente em

⁵² Parte da nossa exposição sobre os transcendentais se baseia no livro de Tomás ALVIRA, Luis CLAVELL, Tomas MELENDO, *Metafísica*. Pamplona: EUNSA, 7ª ed., 1998, 154-161.

relação com o nosso intelecto, ele aparece como *verdadeiro*, isto é, ele mostra-se como é, em sua transparência. Em relação à nossa vontade, o ente aparece como algo *bom*, isto é, capaz de mover a vontade rumo a ele. Em relação à inteligência e à vontade em certa união, o ente aparece como algo *belo*, isto é, agrada ao ser contemplado. Desta maneira, temos os principais transcendentais: unidade, verdade, bondade e beleza.

Contudo, desses transcendentais, gostaria de sublinhar a importância que a beleza tem na educação. Atualmente, é uma das realidades mais desejadas: homens e mulheres querem ser belos e procuram-no como meta: desde o valor que se dá à cosmética até as cirurgias de estéticas passando pelas academias instaladas quase em cada esquina de nossas cidades e pelos regimes nutricionais que visam ao peso ideal.

As pessoas desejam e aspiram à beleza. As considerações, os desejos e as ações rumo à beleza acontecem na mesma ordem que é comum aos seres humanos em geral, isto é, pelo que os sentidos externos captam. Busca-se primeiramente a beleza da matéria, do corpo, porque são realidades que os olhos e o tato, neste caso, apreendem mais rapidamente.

Contudo, também nos casos anteriores, a beleza continua sendo certa junção entre a verdade e a bondade, ou seja, aquilo que agrada ao ser contemplado: determinada realidade apreendida pela inteligência (verdade) agrada à vontade (bem) deleitando-a⁵³. Como vimos, a filosofia começou pela cosmologia, através da pergunta pelo princípio de todas as coisas, até chegar à teologia natural, através da descoberta de uma Inteligência ordenadora e sua demonstração racional. De maneira semelhante, parece-me que as pessoas podem muito bem começar pela cosmética até chegar a considerações mais elevadas. Dito de outra maneira: essa preocupação globalizada pela beleza não precisa ser desprezada, basta que seja canalizada.

Podemos considerar os diversos graus da beleza segundo os seus fins imanes (que dizem relação ao que se deseja desde dentro de si mesmo e que podem ser alcançados em si mesmo) ou segundo os seus fins transcendentais (que dizem relação àquela felicidade cujo desejo está em nós, mas que nos supera, pois está mais além de nós mesmos; concretiza-se em Deus, autor e consumidor da nossa felicidade). Desde o ponto de vista imanente as coisas são mais belas ou menos belas seja porque possuem

⁵³ “Pulchrum autem respicit vim cognoscitivam: pulchraenimdicuntur quae visa placent. Undepulchrum in debita proportioneconsistit: quia sensus delectatur in rebus debite proportionatis, sicut in sibusimilibus; namet sensus ratioquaedam est, et omnis virtus cognoscitiva. Et quiacognitiofit per assimilationem, similitudo autem respicit formam,, pulchrumproprieptertine ad rationem causae formalis” (S. Th. I, 5, 5, ad 1)

mais ou menos entidade (neste sentido, Deus é infinitamente mais belo que o ser humano) que outras, seja porque possuem a perfeição requerida à sua própria natureza; a essa distinção em relação à imanência dos seres, chamamo-la beleza no sentido mais pleno da palavra (beleza *simpliciter*). Este tipo de beleza deve reunir umas características fundamentais: a coisa em si deve ter certa *proporção* tanto em si mesma quanto em relação às coisas que lhe rodeiam; deve ser *íntegra* ou ter o acabamento que a sua própria natureza exige; deve ter *clareza* tanto no âmbito da matéria quanto no do espírito.

Dizer que um ser é belo não significa apenas reconhecer nele uma inteligibilidade que o torna amável. É dizer, ao mesmo tempo, que especificando o nosso conhecimento ele nos atrai, também nos cativa através de um influxo capaz de despertar um maravilhar-se. Se ele expressa certo poder de atração, ainda mais, talvez, o belo expressa a própria realidade na perfeição de sua forma. Isso é epifania⁵⁴.

As distinções em torno da beleza nos ajudam a compreender que ela é uma propriedade das diversas realidades; outra coisa é a captação que temos da beleza. Pode acontecer que uma pessoa não esteja educada para captar determinado tipo de beleza, assim há pessoas que não estão preparadas para captar determinadas verdades. Em ambos os casos é preciso uma educação para a estética e uma educação para a verdade. Às vezes parece que a beleza é mera questão de subjetividade, mas não se pensa que a subjetividade pode não estar preparada para captar determinadas belezas.

Como o ponto mais alto da beleza mede-se com relação ao fim transcendente, é preciso considerar, no caso do homem, a sua liberdade, através da qual ele pode ou não alcançar o seu fim, que é a felicidade e, em definitiva, é Deus. Neste sentido, o grau de beleza mais alto que o homem pode alcançar desde o ponto de vista objetivo é aquele que é consequência da sua orientação natural a Deus. Diante de beleza tão alta, a beleza corporal deve ficar sempre num plano inferior⁵⁵.

É oportuno considerar que essa visão objetiva da realidade não despreza a subjetividade do indivíduo, apenas a põe no lugar certo.

2.2. A beleza conduz a Deus

⁵⁴ ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS - 2006, *Viapulchritudinis. O caminho da beleza*. Tradução de Claudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2007, 15.

⁵⁵ Cf. Tomás ALVIRA, Luis CLAVELL, Tomas MELENDO, *op.cit.*, 189-193.

Fica claro, portanto, que, mais além de uma aproximação filosófica, o que é belo pode nos conduzir a Deus, aspiração de todo ser humano. É importante que os educadores ajudem os alunos a se abrirem a essa via da beleza, que os levará por caminhos insuspeitáveis até encontrarem a beleza infinita, o próprio Deus. Dito de outra maneira, a promoção das distintas manifestações de beleza pode, paulatinamente, levar as pessoas a passarem do fenômeno, daquilo que percebem com os seus sentidos, ao fundamento daquilo que contemplam⁵⁶.

Aplicando mais concretamente esses princípios à educação contextualizada numa filosofia perene:

- é importante que o corpo docente se empenhe “em educar os jovens para a beleza, ajudá-los a desenvolver um espírito crítico em face da oferta da cultura da mídia e a plasmar sua sensibilidade e seu caráter para elevá-los e conduzi-los a uma real maturidade”⁵⁷;

- é importante que o corpo discente seja levado a apreciar obras de arte que o sensibilize à beleza. Nesse sentido, seria muito bom promover concertos, exposição de pinturas, cinema e teatro, dança. Quando as coisas belas “roubam” a alma e a transportam a nobres ideais, a passagem do fenômeno para o fundamento torna-se mais fácil;

- o professor que deseje educar em fidelidade à filosofia perene procurará levar o aluno a apreciar o mundo, a criação⁵⁸. Nesse sentido, é muito importante que o professor, independentemente da sua disciplina acadêmica, tenha como intenção que o aluno seja levado, a partir daquilo que ele ensina e do que ele faz em sala de aula, às realidades nobres do espírito. Essa preocupação fará do professor um mestre, que educa tirando de dentro do aluno o que nele há de melhor, tendo como ocasião sua própria disciplina. Se o docente tiver esse interesse – fazer o homem cada vez melhor – ele humanizará as suas aulas, seja de uma ciência experimental ou de uma ciência exata;

- a filosofia perene tem como temas fundamentais o mundo e o homem e está marcada pela ótica da beleza com relação ao ensino superior. Nessa linha, ousamos fazer uma proposta: que nos centros de ensino superior, especialmente os de orientação

⁵⁶ Cf. ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS - 2006, *op.cit.*, 17.

⁵⁷ *ID.*, 18.

⁵⁸ “São, todavia, numerosos os homens e as mulheres que vêem a natureza e o cosmo só na sua materialidade visível, universo mudo que teria o único destino de obedecer á frias e imutáveis leis físicas, sem evocar nenhuma outra beleza, e menos ainda um Criador. Em uma cultura na qual o cientificismo impõe os limites do seu método de observação até torná-lo critério exclusivo de conhecimento, o cosmo fica reduzido a ser apenas um imenso observatório que o homem atinge até esgotá-lo, em função crescente e desmesuradas necessidades” (*ID.*, 31).

católica, sejam dadas matérias de filosofia da natureza e de antropologia em lugar de ciências morais e religiosas. Ao lado dessas matérias, que fariam parte obrigatória do currículo de qualquer aluno, se poderiam – de maneira facultativa, talvez como curso de extensão – oferecer cursos sobre doutrina cristã ou semelhantes. Logicamente os professores dessas disciplinas deveriam ser muito bem escolhidos para que, através deles e de suas aulas, os alunos possam ser levados a descobrir a beleza do mundo e do homem e, quiçá, inclusive chegar à beleza de Deus⁵⁹.

Para concluir, é oportuno lembrar que tudo o que foi falado até agora é um nobre ideal a ser perseguido e alcançado de maneira cada vez mais perfeita, especialmente pelo ensino superior. Como exemplo, talvez seja oportuno citar que a Faculdade Católica de Anápolis tem esse ideal como missão: “A FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS, baseada no princípio de fidelidade à verdade, ao bem e à beleza tais como têm sido apreciados ao longo da tradição filosófica do Ocidente, possui a missão de estudar, cultivar e difundir a FILOSOFIA PERENE, enquanto disciplina do pensamento compatível com a fé católica e com os valores humanos que sustentam a civilização sobre as bases do Direito natural e das exigências da Caridade”⁶⁰. Outras instituições de ensino superior, de uma ou outra maneira, bem poderiam pautar-se também por essa tradição filosófica que é a nossa. A filosofia perene que deu abundantes frutos no passado está destinada a dar outros tantos no futuro.

ABSTRACT

Starting from the ancient Greeks want to go through the philosophical tradition of the West by some authors to discover the most outstanding perennial philosophy . For perennial philosophy we mean a way of thinking that permeates the centuries that is anchored to the truth or at least sincere in seeking to know her . Present some aspects still valid today and have come to us through certain thinkers and later try to take the consequences for an education that want to be guided by this philosophy . As stated in the title of this study , it is to go from the love of wisdom (philo- sofia) pedagogy that aims to take the student to the pursuit of truth, goodness and beauty through the most different knowledge . This is regardless of academic disciplines teachers or studies that

⁵⁹ “O ensinamento de uma autêntica filosofia da natureza e de uma bela teologia da Criação mereceriam um novo impulso em uma cultura cujo diálogo entre ciência e fé é de particular importância, no qual os intelectuais têm o dever de possuir um mínimo de conhecimento epistemológico e os cientistas desconhecem o imenso proveito que podem tirar da sabedoria cristã. Os preconceitos cientistas e o fideísmo estão ainda demasiadamente presentes na mentalidade comum; por isso, é de fundamental importância suscitar em todos os níveis (...) ocasiões de encontro e de diálogos entre homens de ciência e de fé” (Cf. *ID.*, 33-34)

⁶⁰ FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS, *Projeto de Avaliação Institucional*, Anápolis: 2013, 2, <http://catolicadeanapolis.edu.br/uploads/file/Projeto.pdf> , consultada em 02/10/2013.

determined the student is performing , the ideas that are developed here want to be a route to all kind of common denominator among the various numerators .

KEYWORDS : perennial philosophy , pedagogy , education , beauty

BIBLIOGRAFIA

ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS - 2006, *Viapulchritudinis. O caminho da beleza*. Tradução de Claudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2007.

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS, *Projeto de Avaliação Institucional*, Anápolis: 2013, 2, <http://catolicadeanapolis.edu.br/uploads/file/Projeto.pdf> , consultada em 02/10/2013.

FRANCA, Leonel, *Noções de História da Filosofia*, Rio de Janeiro: Agir, 24ª ed., 1990.

G. K. CHESTERTON, *Santo Tomás de Aquino*. Tradução e notas de Carlos Ancê de Nougé. Nova Friburgo: Co-Redentora, 2002.

G. REALE – D. ANTISERI, *História da filosofia, 1, filosofia antiga e pagã*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 3ª ed., 2007.

NICOLAS, Marie-Joseph, *Vocabulário da Suma Teológica*, em TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica, I*, São Paulo: Loyola, 3ª Ed., 2009.

Nigel WARBURTON, *Uma breve história da filosofia*. Tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre: L&PM, 2ª ed., 2012.

Tomás ALVIRA, Luis CLAVELL, Tomas MELENDO, *Metafísica*. Pamplona: EUNSA, 7ª ed., 1998.

TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica, I*, São Paulo: Loyola, 3ª Ed., 2009.